

O IMPACTO DAS
LITERATURAS
DE MARGENS
CENSURADAS, A
PARTIR DA ÓTICA
DA IMPRENSA
BRASILEIRA

*THE IMPACT
OF CENSORED
MARGINS
LITERATURE
FROM THE
PERSPECTIVE OF
THE BRAZILIAN
PRESS*

Francisco Welison Fontenele de Abreu (UNEMAT)¹

¹ Doutorando em estudos literários na Universidade Estadual do Mato Grosso, Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e Graduado em Letras Inglês Pela UESPI. E-mail: welisonphbw@hotmail.com

Resumo: A discussão sobre a conexão entre literatura e imprensa tem cada vez mais ganhado espaço nos estudos acadêmicos. Na presente pesquisa, objetivamos investigar de que forma a imprensa brasileira abordou as literaturas de margens censuradas entre os anos de 2019 e 2024. Assim, relacionamos as discussões em torno das literaturas de margens e o modo como a imprensa brasileira propõe diálogos sobre a censura dessas obras. Este estudo é uma revisão bibliográfica de artigos publicados em jornais eletrônicos brasileiros – tais como *G1*, *Folha de São Paulo*, *IstoÉ*, *O Globo*, *Ecoa Uol* e *Porvir* – que noticiaram a censura de obras literárias. Para tanto, foram utilizadas autorias que abordaram temas que circulam literaturas de margens, imprensa e vida social, como por exemplo, Terry Eagleton (2006), Regina Dalcastagnè (2012), Ronaldo Soares Farias (2019) e Michel Foucault (1988), dentre outras. A partir dos dados coletados, foi constatado que a imprensa brasileira aborda de formas diferentes as notícias acerca das censuras, podendo ter tanto abordagens pedagógicas, quanto imparciais, críticas e formadoras de opinião.

Palavras-chave: Literatura de margem; Imprensa; Censura.

Abstract: The discussion about the connection between literature and the press has increasingly gained space in academic studies. Therefore, in this research we aim to investigate how the Brazilian press approaches marginal literature that was censored between 2019 and 2024. Thus, we relate the discussions around marginal literature and how the Brazilian press proposes dialogues about the censorship of these narratives. This study is a bibliographic review of articles published in Brazilian electronic newspapers that reported the censorship of literary works such as: *G1*, *Folha de São Paulo*, *IstoÉ*, *O Globo*, *Ecoa Uol* and *Porvir*. To explore themes circulating in marginal literature, the press, and social life, we consulted authors including Terry Eagleton (2006), Regina Dalcastagnè (2012), Ronaldo Soares Farias (2019), and Michel Foucault (1988). Based on the collected data, it was found that the Brazilian press addresses news about censorship in different ways, and they may have pedagogical, impartial, critical and opinion-forming approaches.

Keywords: Marginal literature; Press; Censorship.

Pensamentos iniciais

Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável.

Candido (2004, p. 191)

A censura pode constituir um mecanismo de apagamento da democracia vivenciada pelos brasileiros, seja antes, durante ou depois da ditadura. Trata-se de uma prática recorrente empregada quando indivíduos ou instituições que detêm o poder desejam suprimir ideias, posicionamentos, fatos e expressões culturais. Deste modo, considerando a literatura uma expressão cultural, a censura entra nesse campo ao impactar não só o leitor, mas também as discussões que podem, a partir dela, ser pautadas.

Uma das formas de se propagar as informações acerca da censura literária é utilizando a imprensa, seja esta eletrônica ou impressa, a fim de disseminar as razões para tal desaprovação. Os motivos dessa censura podem ser compreendidos a partir dos apontamentos propostos pelo filósofo Michel Foucault (1988), que pontua que os indivíduos ou instituições que detêm o poder são os que propagam as regras sociais que devem ser seguidas socialmente.

Foucault (1988) utiliza-se das questões que envolvem o sexo para difundir seu raciocínio de que a sociedade, com efeito, é controlada e censurada por indivíduos e/ou instituições que ditam aquilo que pode ou não ser aceito socialmente. Propomos aqui que esse pensamento não diz respeito apenas a questões sobre sexo, mas também se dá em outros cenários da vida social.

Neste sentido, a censura está vinculada à imprensa

literária há muito tempo, podendo ocorrer por motivos ideológicos, religiosos e/ou econômicos, tal como aponta a pesquisa de Farias (2019). Consoante Farias, revistas como *O Malho* (1902) e *Rio Nu* (1898) poderiam ter sido censuradas devido ao seu conteúdo; outra forma pela qual a imprensa e a literatura se interligam é a transmissão da notícia sobre a censura de obras. É possível citar um exemplo que se tornou popular: o momento em que a jornalista Caroline Besse (2015) escreve para revista francesa *Télérama* acerca da censura do romance gráfico intitulado *Le bleu est une couleur chaude*, de autoria de Jul Marroh. De acordo com Besse (2015), tal obra foi banida no Irã sob a alegação de abordar lesbianidades, tendo a tradutora sido proibida de publicar naquele país qualquer outro material. Além disso, a jornalista denuncia que a autora dos quadrinhos considera a imprensa iraniana uma instituição conservadora e que infringe a liberdade cultural.

Trazendo tal questão para a realidade brasileira (especificamente em relação ao período de 2019 a 2024), a literatura tem sido alvo de conservadores que tentam censurar obras que discutem temas como raça, gênero e sexualidade. Essas literaturas são conhecidas como literaturas de margens. As tentativas de censura se deram nos anos especificados (2019-2024) devido ao fato de o poder político estar concentrado em bases conservadoras, as quais, mesmo fora do poder atualmente, reverberam até os dias atuais. E é precisamente por meio da imprensa que são disseminadas essas notícias, elencando, assim, as justificativas para uma eventual censura. Dito isso, o objetivo deste trabalho é investigar de que forma a imprensa brasileira aborda as literaturas de margens que foram censuradas entre os

anos de 2019 e 2024.

A presente pesquisa é uma revisão bibliográfica de artigos publicados em jornais eletrônicos brasileiros – como G1, Folha de São Paulo, IstoÉ, O Globo, Ecoa Uol e Porvir – que noticiaram a censura de obras literárias. A pesquisa acerca desses canais foi realizada por meio de *sites* de busca, utilizando os seguintes descritores: censura, literatura, imprensa, jornais, raça, indígenas, gênero, sexualidade, feminismo e proibição.

Além disso, para nos auxiliar a refletir sobre as questões que envolvem literatura, imprensa e censura, utilizamos as autorias de Terry Eagleton (2006), Regina Dalcastagnè (2012), Ronaldo Soares Farias (2019) e Foucault (1988), dentre outras.

As literaturas de margens e sua abordagem pela imprensa brasileira

As literaturas de margens vêm impactando ultimamente o cenário literário e social por meio de suas narrativas que tratam, de forma nítida, temas sociais. Assim, quando tais obras são censuradas, elas ganham, por intermédio da imprensa, um foco maior no âmbito dos canais de divulgação. A fim de entendermos melhor como a imprensa brasileira aborda essas obras, acreditamos ser necessário discutirmos nos próximos parágrafos tanto o que estamos denominando de literaturas de margens, como seu impacto na vida social.

A raiz das literaturas de margens nos leva ao que chamamos de pós-estruturalismo. Este não só moldou os estudos literários, como também afetou a sociedade de forma geral, tendo sido conceituado pelo crítico literário Terry Eagleton (2006). Para o autor, o princípio do pós-estruturalismo se dá a

partir dos movimentos políticos que se sucederam à década de 1960. Eagleton (2006) pontua que, se anteriormente o foco dos estudos literários eram os textos, posteriormente, teve início um movimento que expandiu os horizontes para além deles (textos).

Logo, seguindo os apontamentos de Eagleton (2006), temos que as bases da literatura estão conectadas com valores tradicionais europeus que se solidificaram em razão do poder. O crítico exemplifica seu ponto de vista a partir da vida social, relacionando questões de binarismo e de gênero. Ademais, Eagleton (2006, p. 200) salienta que a partir de tais questões é que foram formuladas “fronteiras rígidas entre o que é aceitável e o que não é, entre o eu e o não eu, a verdade e a falsidade, o sentido e o absurdo, a razão e a loucura, o central e o marginal, a superfície e a profundidade”.

Apropriamo-nos desse pensamento de Eagleton (2006) para explorar o que por ele é apontado como aceitável e o que não é, ou do que é visto como central ou marginal. Assim, aceitáveis seriam todas as regras sociais propagadas por indivíduos e/ou instituições de poder, de modo a centralizar valores que são socialmente julgados como corretos. Por sua vez, marginal seria tudo aquilo que foge aos padrões centralizados por esses detentores do poder. Ao se utilizar a literatura para explicar, estão presentes na margem obras ou autorias que, de alguma forma, subvertem as diretrizes sociais previamente estabelecidas.

O pós-estruturalismo, na perspectiva de Eagleton (2006), acentua os olhares para obras que discutem questões políticas e sociais e que tentam, de algum modo, desconstruir o pensamento padrão atualmente vigente. Outra autoria que também discute as literaturas de margens e acopla esse sentido de território é

a pesquisadora brasileira Regina Dalcastagnè (2012), por meio de seu livro intitulado *Literatura brasileira contemporânea*. Em suas palavras:

Daí os ruídos e o desconforto causados pela presença de novas vozes, vozes “não autorizadas”; pela abertura de novas abordagens e enquadramentos para pensar a literatura; ou, ainda, pelo debate da especificidade do literário, em relação a outros modos de discurso, e das questões éticas suscitadas por esta especificidade (Dalcastagnè, 2012, p. 5).

Dalcastagnè (2012) inicia sua pesquisa a partir da perspectiva de que a literatura brasileira contemporânea vem vivenciando uma inclusão de autorias, temas, discursos e questões estéticas que haviam sido apagados por não estarem seguindo uma forma padrão. Em outros termos, está se dando espaço agora para dialogar com autorias, personagens e narradores que foram postos às margens em decorrência de não seguirem os padrões centrais socialmente impostos.

Na ótica de Dalcastagnè (2012), esses espaços de centro e margens são espaços de hierarquias de quem pode ou não fazer literatura. A pesquisadora salienta que a literatura brasileira ainda é um espaço em que o centro domina, mesmo que atualmente haja grandes autorias, as quais são marginalizadas por subverterem o pensamento tradicional. A autora consolida tal afirmação ao expor dados quantitativos acerca de quantos homens, mulheres, negros, negras têm suas obras publicadas.

No tocante à questão territorial, Dalcastagnè (2012) pontua que as produções literárias brasileiras estão concentradas, em sua maioria, no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, o que faz desse polo o centro das produções literárias. Ela explica que, a partir

dessa polarização, criam-se espaços que acabam por solidificar ideias acerca de quem pode ou não produzir literatura e o que pode ou não ser dito.

Logo, podemos entender as literaturas de margens como todo material literário que é produzido por autorias que quebram as normas-padrão ou que abordam, de forma operante, narrativas presentes na vida social de indivíduos que se encontram às margens da sociedade. Sendo assim, é possível incluir neste rol obras e autorias de/sobre pessoas pretas, pessoas *queer*, nordestinas, indígenas, periféricas, mulheres, pessoas vivendo com HIV e todas que, de alguma forma, são colocadas às margens da sociedade.

Isto posto, partimos, nesse momento, para a discussão que engloba as literaturas de margem censuradas a partir da imprensa brasileira. É importante lembrarmos que, para essa parte da investigação, foram utilizados recortes de meios jornalísticos, tendo sido selecionados 12 (doze) artigos de jornais ou de *blogs*, número este que julgamos ser suficiente para o desenvolvimento do presente estudo.

No âmbito desse *corpus*, duas obras censuradas ganharam destaque na imprensa brasileira nos anos de 2019 a 2024, quais sejam: *O avesso da pele* (2020), de autoria de Jeferson Tenório, e *Vingadores: a cruzada das crianças* (2019), de autoria de Jim Cheung. É importante ressaltar que outras obras também foram censuradas e abordadas na imprensa, tal como é o caso do livro de poesias intitulado *Beirage* (2019), de George Furlan, e *O menino marrom* (1986), de Ziraldo. Contudo, devido à dimensão deste artigo, serão abordadas aqui apenas as duas primeiras obras supracitadas.

Iniciando cronologicamente a análise, de acordo com

Renan Quinalha (2019), correspondente da Folha de São Paulo, a história em quadrinhos *Vingadores: a cruzada das crianças* (2019) foi censurada e quase recolhida da Bienal do Livro no Rio de Janeiro pelo então prefeito Marcelo Crivella. A administração da Bienal negou a retirada das obras.

Quinalha (2019) aponta que o prefeito Crivella havia considerado o livro impróprio para a leitura de menores de idade devido a uma cena em que dois personagens estão se beijando.

Imagem 1 - Teddy & Billy.



Fonte: Folha de São Paulo (2020).

A revista *IstoÉ* (2019) também noticiou o ocorrido, acrescentando que o prefeito do Rio de Janeiro havia pedido que esses livros fossem embalados em sacos pretos lacrados e com aviso do lado de fora acerca do conteúdo da obra; por sua vez, o jornal *O Globo* (2019) publica a mesma notícia, acrescentando uma publicação feita no perfil pessoal do quadrinista sobre a censura de sua obra. Ambas as revistas supracitadas partem de

uma abordagem imparcial, apenas apontando os fatos ocorridos, sem que haja qualquer interpretação, deixando, portanto, a audiência tomar suas próprias conclusões.

Quinalha (2019) destaca, ainda, que medidas extrajudiciais foram tomadas em relação ao caso e que a prefeitura ameaçou até mesmo cancelar o evento completo, caso nenhuma atitude fosse adotada. Neste sentido, elencamos alguns pontos interessantes que Quinalha (2019) aborda em sua reportagem, a fim de repudiar a ação do prefeito Crivella. O correspondente do periódico recorre tanto a uma análise imagética sobre como a obra não se enquadra em pornografia, quanto a imagens de outros quadrinhos que abordam a mesma temática, ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), à Constituição Federal de 1988 e também às leis do estado do Rio de Janeiro. Além disso, essa mesma edição do jornal traz uma análise feita por Diogo Bercito (2019), quadrinista e jornalista finalista do Prêmio Jabuti de Literatura. Bercito reitera a informação descrita por Quinalha, empreendendo uma análise temporal acerca de questões sobre sexualidade nos quadrinhos de super-heróis.

Um ano após a censura por parte de Crivella, ou seja, já na Bienal do livro de 2020, uma outra edição da revista em quadrinho *Empyre Aftermath: Avengers* é tema de mais um artigo da Folha de São Paulo (2020). Nessa publicação, o jornal relembra a censura feita por Crivella, abordando a narrativa e mostrando o protesto irônico que o *youtuber* Felipe Neto realizou. Segundo a Folha de São Paulo (2020), o *youtuber* disponibilizou cerca de 14 mil livros LGBTQIAPN+ lacrados com saco preto que advertiam sobre o conteúdo: “Este livro é impróprio para pessoas atrasadas, retrógradas e preconceituosas”.

Imagem 2 - Protesto literário na Bienal do Livro no Rio de Janeiro (2020).



Fonte: Folha de São Paulo (2020).

A partir do que foi supraexposto, é possível perceber que aqueles que detêm o poder acreditam que o beijo de dois super-heróis *gays* pode causar um estreitamento nas bases heteronormativas na vida social do carioca. Neste sentido, os jornalistas da Folha de São Paulo criticam a censura que a prefeitura do Rio de Janeiro tentou impor à Bienal do Livro de 2019, pautando tanto por meio histórico quanto legislativo. Os jornais *IstoÉ* e *O Globo* preferem mostrar imparcialidade, apenas noticiam o fato ocorrido.

As narrativas LGBTQIAPN+ há muito tempo são alvo de represálias, tal como apontado por Farias (2019) ao pesquisar sobre *O menino do Gouveia*, conto muito famoso da literatura homoerótica. A seu ver, a cultura de julgamento acerca dessas obras está interligada à “obscuridade, ao pecado mortal, o que acabou fomentando o ódio contra os homossexuais, e a palavra de

ordem era proibir e interditar qualquer ato ou discurso que viesse a ‘desmoralizar’ a igreja e a sociedade” (Farias, 2019, p. 459). Desse modo, narrativas que descentralizam ou despadronizam valores heteronormativos socialmente impostos são colocadas na mira por aqueles que detêm o poder, seja este poder envolvendo política, economia ou religião.

A sexualidade masculina na sociedade é colocada em xeque a partir de estruturas apontadas tanto por Michel Foucault (1988) quanto por Pierre Bourdieu (2012). Apesar de os dois autores partirem de *locus* diferentes, ambos propõem refletir acerca do que a sociedade espera do indivíduo homem, seja de sua sexualidade, seja do poder que ela exerce nas camadas sociais. Quando as literaturas de margens começam a surgir e a ganhar espaço – tal como no caso de *Vingadores: a cruzada das crianças* –, essas estruturas heteronormativas restam com fissuras, sendo, portanto, a censura um dos meios empregados pelos detentores de poder para tentar organizá-las.

O último livro censurado e que foi aqui eleito é *O avesso da pele* (2020), de autoria de Jeferson Tenório. A obra foi censurada pelas Secretarias da Educação estaduais em razão de abordar temáticas que englobam raça, branquitude, negritude, colorismo e gênero. Acerca da obra em questão, foram selecionados quatro artigos que a imprensa publicou.

A jornalista Emily Santos (2024) reporta, por meio do portal G1, que a obra *O avesso da pele* (2020), de Jeferson Tenório, foi censurada pelas Secretarias da Educação nas escolas públicas do Mato Grosso do Sul, Goiás e Paraná. Santos (2024) salienta que as secretarias censuraram o livro sob a alegação de inadequação de idade, já que, segundo elas, contém linguagem

imprópria. Além disso, a reportagem não só explora o fato, bem como expõe o ponto de vista de especialistas que argumentam o ato falho dessa censura. Vejamos no trecho a seguir:

Especialistas ouvidas pelo G1 afirmam que a justificativa apresentada pelos governos do Mato Grosso do Sul, de Goiás e do Paraná para recolher os exemplares do livro *O Averso da Pele* das escolas públicas é **falha, fraca e escorada no racismo, repetindo procedimento de censura típico dos anos da Ditadura Militar** (Santos, 2024, grifos da autora).

O referido jornal busca, por meio de opiniões de indivíduos especializados no assunto, traduzir o que a censura sobre essa obra representa para o meio social. A repórter destaca em negrito os termos que deixam óbvio a representação dessa censura. A obra aborda as realidades, as vivências e os percalços de pessoas negras, o que faz com que seus leitores entendam o cenário racista que a sociedade brasileira vem enfrentando desde os tempos coloniais.

O portal *G1* complementa a notícia apresentando uma entrevista de dez minutos com o autor Jeferson Tenório; nela, ele exprime sua opinião sobre a censura e comenta cenas de sua narrativa. Além disso, a reportagem de Santos (2024) explica à audiência acerca do programa governamental do qual o livro faz parte, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), bem como sobre a opinião da editora sobre o caso. Dessa forma, entendemos que esse canal de informação noticiou o fato, não exprimindo opinião; contudo, ofereceu mecanismos para que o público entendesse de forma indireta o modo como a censura age nas instâncias sociais.

Um outro canal de imprensa que noticiou essa censura foi o *Ecoa Uol*, por meio do artigo de opinião do crítico literário Julián Fuks (2024). No texto, o crítico escreve sobre a notícia e expressa sua opinião em relação ao fato. A crítica à censura sobre a obra de Tenório é feita por Fuks levando-se em consideração bases literárias (crítica literária e teoria da literatura) e como essa censura se manifesta socialmente. O crítico afirma que “os acusadores não querem assumir: que no cerne da censura há racismo e homofobia”. Já ao fim do artigo, há uma entrevista de vinte minutos que o Uol realizou com o autor. Neste sentido, a reportagem do crítico se difere das demais, já que ele torna o artigo imparcial, discutindo questões literárias e sociais para acusar questões negativas oriundas da censura.

Por sua vez, Ruam Oliveira (2024) escreve sobre o ocorrido para o portal Porvir, porém, apresenta uma abordagem mais pedagógica. Em sua reportagem, relata a forma como professores utilizam a obra *O avesso da pele* (2020) na sala de aula; e com base em uma entrevista com professores do Ensino Médio, Oliveira comenta a censura e solicita a uma das professoras entrevistadas que pontue sugestões de formas de abordagens da obra. Ademais, Oliveira (2024) informa a audiência que:

O **site da Companhia das Letras**, editora responsável pela publicação, possui uma série de recursos para o uso da obra em sala de aula. Além de **um vídeo**, há um **material digital de apoio** que trata de questões como cidadania, inquietações da juventude, *bullying* e respeito às diferenças. A editora também disponibilizou a versão digital gratuitamente (Oliveira, 2024, grifos do autor).

A reportagem de Oliveira (2024) parte de uma abordagem pedagógica, já que o artigo é focado não só no público em geral,

mas também é escrito para conscientizar e auxiliar docentes que ainda não utilizam – ou que têm medo de utilizar – literaturas de margens no âmbito da sala de aula. Isso porque empregar literaturas que abordam temáticas raciais, principalmente vivência de pessoas pretas, pode causar rupturas nos padrões coloniais que ainda são reproduzidos nos dias de hoje. Teóricos como Homi Bhabha (1998), Kabengele Munanga (2009) e Frantz Fanon (2008) apontam em suas pesquisas o modo como esses padrões coloniais se formaram, bem como suas consequências para as pessoas pretas.

O avesso da pele (2020) e *Vingadores: a cruzada das crianças* (2019) constituem apenas dois exemplos de literaturas de margens que foram censuradas e posteriormente abordadas pela imprensa. É importante frisar que tais obras estão sendo comercializadas e configuram tópico de discussões tanto no meio acadêmico quanto no meio social. Logo, encorajar a leitura dessas obras não só nos ajuda a pensar a literatura contemporânea, como também estremece os padrões culturais e valores racistas, LGBTQIAPN+fóbicos e sexistas que estão entremeados à vida social.

Pensamentos finais

Nesta pesquisa, investigamos a abordagem que a imprensa realizou acerca das obras de literatura de margem censuradas entre os anos de 2019 e 2024. Iniciamos pontuando o que se entende por literaturas de margens e como o movimento do pós-estruturalismo intensificou a sua produção e estudo. Posteriormente, foram utilizados os jornais *G1*, *Folha de São Paulo*, *IstoÉ*, *O Globo*, *Ecoa Uol* e *Porvir*, a fim de visualizar a

maneira como a imprensa noticiou os fatos de censura. Para tal, foram selecionadas duas obras, quais sejam, *O avesso da pele* (2020) e *Vingadores: a cruzada das crianças* (2019), além de seis artigos que abordavam o ocorrido.

Discutimos também que as literaturas de margens são classificadas como sendo as produções literárias de autorias que são postas à margem da sociedade, em decorrência de não serem ou não seguirem padrões impostos por aqueles que detêm o poder. Essas autorias abordam ou não em suas obras questões que envolvem problemas sociais, tais como racismo, violência de gênero, questões de sexualidade e outros temas que abrem fissuras nas normas padrões da vida social. Além disso, debatemos sobre o pós-estruturalismo, movimento que auxiliou na disseminação da ideia de pesquisas e teorias que envolvem esse tipo de literatura.

Ao entrelaçarmos questões literárias e de imprensa, destacamos a obra *Vingadores: a cruzada das crianças* (2019), censurada pelo governo do Rio de Janeiro em 2019. Tal censura foi tema para artigos nos seguintes jornais: *Folha de São Paulo*, *IstoÉ* e *O Globo*. A abordagem apresentada pela *IstoÉ* e pelo *O Globo* foi focada na imparcialidade, apenas noticiando o fato, ou seja, não refletindo acerca da censura e não instigando sua audiência a ter pensamentos críticos. Ser imparcial não significa não opinar, mas mascarar possíveis opiniões sobre o fato e não levantar bandeira política para o jornal. Diferentemente da *Folha de São Paulo* que, além de noticiar o fato, criticou a censura e teceu uma análise que aborda questões literárias e sociais. Dessa forma, a audiência pôde debater assuntos que vão além da obra literária, isto é, que permeiam a vida social.

Por sua vez, *O avesso da pele* de Jeferson Tenório (2020) foi obra censurada em três estados brasileiros pelas respectivas Secretarias da Educação, tendo sido tema de artigos nos jornais: *G1*, *Ecoa Uol* e *Porvir*. Essas três mídias optaram por abordagens diferentes: o *G1*, além de informar sobre a censura, realizou uma entrevista com o autor, subdividindo o artigo em tópicos e buscando novas contribuições para o público; o *Ecoa Uol* transmitiu a informação por meio de um artigo de opinião, ao criticar o ato e ao discutir questões das literaturas de margens; já o *Porvir* mostrou em sua reportagem um lado pedagógico de abordar as literaturas de margens, apontando sugestões de como trabalhar em sala de aula a obra de Tenório (2020).

Isso posto, é possível perceber que uma das conexões que a literatura pode ter com a imprensa é a forma pela qual as notícias do ramo literário são veiculadas e abordadas nesse meio, sendo a censura um atrativo para esta circulação e posterior discussão acerca dessas obras. Neste sentido, é fundamental destacarmos a importância que a imprensa tem quando alguma obra literária é censurada, já que pode ser a partir dela que obtemos informações para pensarmos como a literatura pode estar intimamente conectada com questões da vida social.

Referências

BERCITO, D. Super vilões da vida real é que fazem cara feia aos heróis gays. *Folha de São Paulo*. São Paulo, p. 18-18. 7 set. 2019.

BESSE, C. *En Iran, le "Bleu" n'est toujours pas une couleur chaude*. 2015. Disponível em: www.telerama.fr/livre/le-bleu-n-est-toujours-pas-une-couleur-chaude-en-iran,122946.php. Acesso em: 08 jul. 2024.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CANDIDO, A. *Vários Escritos*. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2004.

DALCASTAGNÈ, R. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. 1.ed. Rio de Janeiro, Vinhedo: Editora da UERJ, Horizonte, 2012. v. 1.

EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. 6. ed São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FANON, F. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIAS, R.S. Configurações do homoerotismo nas revistas o Malho e Rio nu. *Caderno de Letras (UFPEL)*, v. 34, p. 457-481, 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Super-heróis gays que incomodaram Crivella se casam e se beijam de novo*. 2020. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/09/super-herois-gays-que-incomodaram-crivella-se-casam-e-se-beijam-de-novo.shtml. Acesso em: 09 jul. 2024.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições

FUKS, Julián. *Sobre os atos de censura à literatura, expressão da força que ela atinge*. 2024. Disponível em: www.uol.com.br/ecoal/colunas/julian-fuks/2024/03/09/sobre-os-atos-de-censura-a-literatura-expressao-da-forca-que-ela-atinge.htm. Acesso em: 09 jul. 2024. Graal, 1988.

ISTOÉ. *Crivella manda recolher livro dos Vingadores com beijo gay*. 2019. Disponível em: <https://istoe.com.br/crivella-manda-recolher-da-bienal-hqs-de-vingadores-com-personagens-gays-se-beijando>. Acesso em: 08 jul. 2024.

MUNANGA, K. *Negritude: usos e sentidos*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

O GLOBO. *Crivella manda recolher HQ dos Vingadores com beijo gay; Bienal se recusa*. 2019.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/crivella-manda-recolher-hq-dos-vingadores-com-beijo-gay-bienal-se-recusa-23930534>. Acesso em: 09 jul. 2024.

OLIVEIRA, R. *Na contramão da censura, professores refletem sobre o livro 'O Avesso da Pele'*. 2024. Disponível em: <https://porvir.org/contramao-censura-professores-refletem-avesso-da-pele>. Acesso em: 09 jul. 2024.

QUINALHA, Renan. Recolhimento de HQ viola o Estado de Direito. *Folha de São Paulo*. São Paulo, p. 18-18. 7 set. 2019.

SANTOS, E. **O avesso da pele**: livro que debate racismo é censurado em escolas de 3 estados por reação equivocada ao conteúdo, alertam especialistas. *G1*. 8 mar. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/03/08/o-avesso-da-pele-livro-que-debate-racismo-e-censurado-em-escolas-de-3-estados-por-reacao-equivocada-ao-conteudo-alertam-especialistas.ghtml>. Acesso em: 09 jul. 2024.